

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 159 | Volume 19 | 2022

**O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio  
de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos**

Junior Vasconcelos do Amaral

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XVIII | Número 159 | Volume 19 | 2022

**O grito de abandono de Jesus  
na cruz e o silêncio de Deus:  
reflexões à luz do Evangelho  
de Marcos**

**Junior Vasconcelos do Amaral**

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XVIII – Vol. 19 – Nº 159 – 2022

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Pedro Henrique Barbosa de Brito

**Imagem da capa:** Abstract painting | Pxhere

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Tradução:** Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20. Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>. Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021). ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

## O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos

Junior Vasconcelos do Amaral

**RESUMO:** O presente trabalho tem como escopo refletir o relato bíblico da Paixão segundo Marcos, sobretudo a expressão performática de Jesus em Mc 15,34, o grito de abandono de Jesus na cruz, e a recitação do Sl 22, 1, à luz de sua permanência no Getsêmani, o jardim das Oliveiras, episódio que antecipa a cena da crucificação de Jesus (Mc 14,32-42). Ambos os relatos dão sentido e significado às temáticas que vamos abordar neste artigo: em primeiro plano, antropológico-existencial, a experiência de desamparo experimentada e vivida por Jesus; em seguida, sua experiência no Getsêmani até o grito na cruz, como clímax da narrativa marcana; por fim, a teologia do servo sofredor e o silêncio de Deus, como a resposta acolhedora de Deus à vida de Jesus, seu Filho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evangelho de Marcos. Desamparo. Cruz. Grito. Solidariedade



# The cry of abandonment of Jesus on the cross and the silence of God: an analysis through the Gospel of Mark

Junior Vasconcelos do Amaral

**ABSTRACT:** The present article aims to reflect the biblical moment of the Passion according to Mark, especially the performative expression of Jesus in Mk 15,34, the cry of abandonment of Jesus on the cross, and the recitation of Ps 22, 1, in the light of his permanence in Gethsemane, the Garden of Olives, an episode that anticipates the scene of Jesus' crucifixion (Mk 14:32-42). Both accounts give sense and meaning to the themes that we are going to address in this article: in the foreground, anthropological-existential, the experience of helplessness experienced and lived by Jesus; then his experience in Gethsemane until the cry on the cross, as the climax of the Marcan narrative; finally, the theology of the suffering servant and the silence of God, as God's welcoming response to the life of Jesus, his Son.

**KEYWORDS:** Gospel of Mark. Helplessness. Cross. Shout. Solidarity

# O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos

Junior Vasconcelos do Amaral

Doutor em Teologia pela FAJE e Professor da  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

## INTRODUÇÃO

Seguindo o título deste artigo<sup>1</sup>, “O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos”, percorreremos três temas relevantes: o sentido de desamparo, para a Psicanálise, a partir do léxico “abandono”; a leitura do relato marciano, do Getsêmani ao grito de Jesus na cruz e, por fim, a teologia do servo sofredor, que condensa em si as dores da humanidade e a resposta silenciosa de Deus, diante a oferta da vida de Jesus na cruz.

Nosso intuito consiste em percorrer os mais impor-

---

<sup>1</sup> Este artigo é o fruto de uma comunicação na programação da 19ª Páscoa IHU, promovida em 2022, intitulada “Incertezas e esperanças do tempo presente”.

tantes comentadores de Marcos e da Paixão segundo tal evangelista. Nossa pretensão, porém, não é redesenhar o status quaestionis sobre o grito de Jesus na cruz, mas perceber o sentido narratológico das palavras dele nesse momento, se ditas de fato ou apenas no relato bíblico, e as principais variantes textuais e suas possíveis compreensões.

## PROBLEMA FUNDAMENTAL E BREVE MEMÓRIA DA NARRATIVA DA PAIXÃO SEGUNDO MARCOS

O Evangelho de Marcos, sobretudo a narrativa da Paixão de Jesus (Mc 14,1-16,8), consiste em uma produção literária do 1º século cristão que se aproxima intensa e afetivamente de nossa realidade humana atravessada e marcada pelas experiências de limitação, sofrimento e dor, pois narra a vida de Jesus, o filho de Deus, o injustiçado mártir do primeiro século, condenado à morte de cruz por Pôncio Pilatos.

Dois serão os elementos antropológicos fundamentais para compreender nosso trabalho: o primeiro ato realizado em favor de Jesus no início da narrativa da Paixão em Mc 14,2-9 e o gesto de solidariedade no descendimento de Jesus da cruz, ação realizada por José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio (15,44-45). Tais eventos emolduram a cena de Jesus no Getsêmani (14,32-42) e sua crucificação (15,23-39), cena que culmina com a morte. Ambos os atos, no Getsêmani e na cruz, são amplamente perpassados pelo sentimento e pela condição existencial do desamparo.

Em Marcos 14,1-16,8, é possível vislumbrar o cenário narrativo da Paixão de Jesus, que ocorre em Jerusalém. Em 14,1-2, Marcos assinala o ambiente de

conspiração contra Jesus, por ocasião da festa de Páscoa e dos Ázimos, os pães sem fermento. A narrativa da Paixão tem como ato de abertura uma unção em Betânia, seguido da alusão à traição de Judas (vv. 10-11), os preparativos para a ceia pascal (14, 12-16), o ato de traição de Judas (14,17-21), a instituição da eucaristia (14,22-25), a predição da negação de Pedro (14,26-31), a cena do Getsêmani (14,32-42), a prisão e julgamento de Jesus perante o Sinédrio (14,43-65), a tríplice negação de Pedro (14,66-72), Jesus perante Pilatos (15,1-15), a coroação de Jesus (15,16-20), o caminho da cruz (15,20b-22) a crucificação, o escarnecimento e as injúrias a Jesus na cruz (15,23-32), a morte de Jesus (15,33-39), as mulheres ao redor da cruz, no Calvário e o sepultamento de Jesus por José de Arimateia (15,40-47) e, por fim, o relato do túmulo vazio, em que as mulheres foram de madrugada ungir o corpo de Jesus e se deparam com a notícia da ressurreição de Jesus (16,1-8).

## DESAMPARO: CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE PARA COMPREENDER O CORAÇÃO DO RELATO DA PAIXÃO DE JESUS

O desamparo, para Sigmund Freud, trata-se do conceito fundamental para a Psicanálise. Todo ser humano é constitutivamente desamparado desde seu nascimento até a sua morte natural ou acidental. Lidar com o desamparo é, para a Psicanálise, o mais importante. Diante da descoberta desta condição, todo ser humano é convidado a lançar-se em busca de uma resposta satisfatória que dê sentido à sua condição de desamparo.

O ser humano nasce num estado de *Hilflosigkeit*, termo alemão que designa “desamparo”, que segundo



Jean Laplanche<sup>2</sup>, grande conhecedor da obra freudiana, se traduz como a incapacidade de amparar a si próprio, num estado objetivo de miséria, dependendo totalmente do ambiente humano, inicialmente para sua sobrevivência e em seguida para seu desenvolvimento e sua saúde. Donde o interesse nunca desmentido de Jean Laplanche pelo registro daquilo que Freud chamava de “autoconservação”, e que o termo “apego” evoca ainda mais hoje em dia.

Embora não faremos uma exegese psicanalítica do texto bíblico e nem é esta nossa intenção, vamos apenas supor que as cenas narradas acerca de Jesus no Getsêmani e na cruz revelam elementos fenomenológicos e antropológicos, a condição primordial do ser humano, elementos que evidenciam Jesus como um ser humano que vive o desamparo.

Tanto para nós, como para Jesus, o filho de Deus, nascido em condição humana, a base que rege a antropologia é o desamparo, que pode ser ressignificado pelo simbólico da fé. No ato da oração de Jesus, em ambos os cenários, tanto no jardim das Oliveiras quanto no momento clímax da cruz, há uma reconexão com aquele que é o sentido da vida de Jesus, o Pai, que o enviou ao mundo.

É oportuno, porém, lembrar que Jesus, nascendo homem, em condição humana, sendo filho de Deus, não fez do seu ser igual a Deus, uma usurpação, mas esvaziou-se a si mesmo (*Kenose*), morrendo na cruz (Fl2). Ele não se esquivou do desamparo, mas o ressignificou ante o medo, o sofrimento e a dor. Jesus

2 ANDRÉ, Jacques. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/47hM33PQ6LX6GnDF5qkjYn/?lang=pt>, acesso em 29 de março de 2022.

está em oração e ressignifica o desamparo existencial, pois ele viveu em tudo a condição humana, até mesmo no desamparo, e deu sentido a este, confiando e entregando-se a Deus.

Percebemos, ainda, em outros dois relatos revelar o sentimento de desamparo, que podemos de certa forma entender aqui como abandono, título desta conferência, a partir do grito de Jesus na cruz. Primeiro no Jardim das Oliveiras ou Getsêmani (14,32-42) e em seguida na cena da crucificação e morte de Jesus na cruz (14,23-39).

## DO GETSÊMANI AO GRITO NA CRUZ

A cruz é o último lugar da ação de Jesus no Evangelho de Marcos. A cruz se situa como ponto culminante, o clímax narrativo, no qual evidencia-se a revelação completa e sumária do Filho de Deus. Ao ver o modo de Jesus morrer e impactado com sua morte, o centurião romano, um gentio, exclama: “Verdadeiramente, este era o filho de Deus” (Mc 15,39). A cruz, contudo, não deve ser compreendida como realidade física e literária de maneira isolada no Evangelho, mas a mesma se articula à realidade do desamparo e da solicitude, da vulnerabilidade humana de Jesus e o silêncio acolhedor de Deus.

Antes da crucificação, Jesus sente a dor da paixão invadir seu mais íntimo. No Getsêmani, acompanhado de Pedro, Tiago e João (Mc 14,32-42), Jesus se prepara em oração: “Permaneça aqui enquanto eu vou orar”, ele sente a angústia da morte que o avizinha (à sua espreita). No versículo 33, Marcos afirma que Jesus começou a apavorar-se e a angustiar-se. Neste versículo,

Marcos utiliza dois termos para adjetivar os sintomas de Jesus  $\epsilon\kappa\theta\alpha\mu\beta\epsilon\iota\sigma\theta\alpha\iota$  (*ekthambeisthai*), traduzido por “completamente surpreendido” e  $\alpha\delta\eta\mu\omicron\upsilon\epsilon\iota\nu$  (*ademoinein*), que pode ser traduzido por “angustiado” ou “estar em apuros”. A tradução da Bíblia de Jerusalém utiliza os termos respectivos: “apavorar-se” e “angustiar-se”, aproximando a compreensão dos sentimentos de Jesus à nossa condição humana.

Em preciosa exegese sobre este versículo, Joel Marcus (2011, p. 1121) recorda que os termos “sentir pavor” e “angustiar-se”, expressam a realidade física diante de um acontecimento aterrador, um estreme-cimento de horror. Enquanto que para R. Brown, de acordo com Marcus, significam uma desordem profunda (no íntimo). A raiz de *ademonein* conota o sentimento de separação de outros, uma situação angustiante, de isolamento, de sentir-se ilhado. Sobre esta enfática percepção marcana, Marcus indica o isolamento de Jesus, a situação mesma de sentir-se abandonado, entendido aqui como desamparo, uma condição primordial antropológica.

Naturalmente, neste cenário de angústia, mesmo na presença de discípulos, Jesus se sente sozinho e precisa colocar-se em oração, estado de vigilância, para reconectar-se simbolicamente com Deus, o grande Outro, mediante o estado pontual de angústia. A oração é o símbolo da reconexão que a angústia separou. Portanto, já na cruz, a oração, a partir do grito, a recitação do Sl 22, seria alargar o sentido de vigilância oracional, capaz de reconectar Jesus com Deus: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste” (Mc 15,34). Não somente na cruz Jesus faz uso do salmo, como bom judeu e temente a Deus, mas também na cena que estamos len-

do, no Getsêmani.

Jesus diz que sua alma está triste até a morte, conforme Mc 14,34. A primeira parte desta afirmação se funde a partir do Sl 6,3, no qual se lê: *hé psyché mou, “minha alma está perturbada”*, com o estribilho dos Salmos 42,5.11; 43,5, na LXX: “Por que está tão triste minha alma”, possivelmente retratando a angústia dos exilados, a imagem do servo sofredor, como supõe Joel Marcus (2011, p. 1121). O léxico “triste”, proveniente do grego *perilypos*, significa “pesaroso”. Em Marcos, este verbo aparece também na cena do capítulo 6, v. 24, como um sentimento que invade o coração desamparado do Rei Herodes, mediante o pedido da filha de Herodiades: a cabeça de João Batista, na cena marcada da execução do Batista (6,17-29), relato, diga-se de passagem, de riqueza narrativa. Herodes fica profundamente triste com tal pedido, pois gostava de ouvir João Batista, o pregador e profeta do povo. Jesus, por sua parte, também está angustiado, já no outro lado do Evangelho, ante sua iminente morte.

O exegeta Joaquim Gnilka (2005, p. 304) sugere que a afirmação de Jesus se equaliza com Jn 4,8-9 (LXX), no qual o profeta veterotestamentário diz que está tão triste que quer morrer (*sphodra lelypemaí ... heos thanatou*). “Até a morte” significaria que o sofrimento de Jesus é “tão intenso que ele anseia pela morte”, afirma Joel Marcus. No v. 36, contudo, Jesus suplica a Deus que não o faça, se possível, beber o cálice da morte; por tal afirmação, não há traços que marquem seu desejo de morrer. “‘Até a morte’, é mais uma imagem enfática da mais profunda dor: o sofrimento de Jesus é algo tão intenso quanto matá-lo”, afirma Joel Marcus (2011, p. 1122).

A narrativa ressalta: “Minha alma está triste até a morte” (Mc 14,34a). Jesus orava para que, se possível, passassem dele, naquela hora, a angústia, o desamparo, o isolamento, mesmo sabendo que Deus estava com ele. Trata-se do sentimento de Jesus, expresso pelo olhar do narrador. Jesus ora ao Pai: “Abbá... Tudo é possível para ti, afasta de mim este cálice, porém não [faça] o que eu quero, mas o que tu queres”. A angústia e o desamparo marcam a experiência de Jesus antes da cruz e da morte, tais sentimentos limítrofes atravessam sua vida nos instantes derradeiros.

O psicanalista William Castilho, buscando compreender o sofrimento psíquico humano, em sua obra “Sete pecados capitais à luz da Psicanálise”, nota com riqueza de compreensão o sofrimento e a angústia experimentados por Jesus no momento em que se preparava para a cruz. Um sentimento de acídia e angústia invadem Jesus. Ao ler a passagem no Monte das Oliveiras (Lc 22,39-46), Castilho ressalta que Cristo “esqueceu por alguns minutos que era Deus, ou, melhor, mostrou-se divino na extrema humanidade”. Jesus, de acordo com o olhar clínico de Castilho,

“colocou-se frente à morte, dialogou com a finitude, teve medo e angústia, produziu sintomas de depressão, como a hematidrose. De tanto pavor, suas veias capilares, por baixo das glândulas sudoríparas, romperam-se e fizeram com que o sangue se misturasse ao suor e derramasse sobre sua pele gotas que caíam no chão” (CASTILHO, 2021, p. 223).

Esta percepção nos leva a vislumbrar a profundidade da narrativa do texto bíblico evangélico, com a precisão cirúrgica de Lucas com as palavras, um hagiógrafo cuja profissão era a medicina (segundo atestam alguns escritores e comentadores do Terceiro Evange-

lho). Porém, ressaltamos aqui que Lucas bebeu da fonte que foi o Evangelho de Marcos e ampliou, em sua especialíssima forma de narrar, a chamada *Zonder lucana*, o que era próprio de Lucas, como podemos encontrar em grande parte de sua obra, sobremaneira entre os capítulos 9 e 16.

Em Marcos, já no fim da narrativa no Getsêmani, Jesus está também decepcionado com seus discípulos, pois estes foram incapazes de vigiar e orar por e com ele. A cena se conclui com as agudas palavras de Jesus: “a hora chegou” e “Eis que o Filho do Homem é entregue às mãos dos pecadores. Levantemos, vamos, eis que o meu traidor se aproxima”. A angústia e a decepção em Jesus se misturam, confirmando assim o ponto de vista que perpassa a narrativa, que vai da traição, por parte de um discípulo, à decepção com os que não conseguem vigiar por ele, a sensação de desamparo por parte de Deus, mesmo em meio à oração, e, sobretudo, o sentido da morte de Jesus, que é muito mais uma entrega que um assassinato. Jesus vem para dar a sua vida em resgate de muitos, confirmando as palavras de Mc 10,45, em que diz que “O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar (*dounai* – ‘oferecer’) sua vida em resgate de muitos”. Jesus é, portanto, entregue às mãos dos injustos para justificar a todos (cf. Rm 3,20; 10,4).

## O SERVO SOFREDOR E A TEOLOGIA DO SILÊNCIO DE DEUS

A caracterização do personagem Jesus no evangelho de Marcos se revela em consonância como o servo sofredor na profecia de Isaías. Na perspectiva de E. Broadhead, Jesus é o “sofredor inocente, Filho

obediente e o total cumprimento das Escrituras” (BROADHEAD, 1994, p. 110). Segundo ele, Mc 14,1-42 revela um Jesus obediente e sofredor. Em Mc 14,43-15,15, é possível testemunhar o desenvolvimento da imagem de Jesus, mestre e profeta, vindo da parte de Deus. A cena da prisão de Jesus fornece um *link* crucial entre as imagens proféticas de Jesus e a Cristologia da Paixão. A seção de Mc 15,16-16,8 fornece elementos conclusivos sobre a caracterização de Jesus: “o sofredor inocente cede elementos para a imagem profética da narrativa da Paixão”. Para E. Broadhead, desde o começo do evangelho se estabelece um elo entre o ministério e a proclamação de Jesus, além da sua morte.

A cena da morte de Jesus, em Mc 15,20c-37, traz a Cristologia da Paixão para a realidade: ela cumpre as imagens de Jesus servo sofredor e profeta condenado. Nesse sentido, é possível compreender o significado da invocação do Salmo 22 para descrever Jesus como o sofredor inocente. Nessa orientação, Jean-Noel Aletti afirma existir um “modelo narrativo” (aquele do justo perseguido no livro dos Salmos) no relato da Paixão narrado por Marcos (ALETTI, 2005, p. 35). Na opinião de Joel Marcus, “[...] O relato marcano da crucificação de Jesus, por exemplo, evoca nitidamente a descrição do justo sofredor do Salmo 22 [...]”. O relato de Marcos estava impregnado de alusões ao Salmo 22 e ampliou esta tendência com uma citação explícita do mesmo salmo.

Na opinião de Raymond Brown, é possível constatar em Marcos

“o cumprimento de temas veterotestamentários como, por exemplo, a descrição pelo salmista do justo sofredor que é escarnecido e esbofeteado pelos inimigos; a acusação, regis-

trada em Sb 2,17-20, de que o justo é impotente para impedir a morte ignominiosa, apesar de alegar que Deus está ao seu lado e que é Filho de Deus; o uso do versículo de um Salmo para a oração de Jesus ao morrer na cruz. Esses temas da narrativa da crucificação são incontestáveis” (BROWN, 2011, p. 48).

Para Joel Marcus, uma “consonância básica com as Escrituras do Antigo Testamento” (2011, p. 1068) não significa necessariamente que um relato evangélico não seja histórico. Nessa perspectiva, pode-se conceber que algumas palavras e ações de Jesus correspondem às Escrituras que o precederam. A vida de Jesus corresponde em realidade aos textos do Antigo Testamento,

“especialmente porque tanto Jesus como seus oponentes eram pessoas versadas nas Escrituras, ou foram tocados, de um modo influenciado, pelas Escrituras, ainda que os atos não tivessem sido criados por elas” (MARCUS, 2011, p. 1068).

Assim, parece improvável que os cristãos tivessem atribuído a Jesus crucificado as palavras do Sl 22,1 (“Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?”) se ele, de fato, não as tivesse pronunciado naquele momento decisivo.

Na obra *Geschichte der synoptischen Tradition* (História da Tradição sinóptica), Bultmann afirma que o grito de Jesus (em Mc 15,34: *phoné megále*) é provavelmente uma interpretação secundária de Mc 15,37, versículo no qual se diz que Jesus deu um grande grito e expirou. Para Bultmann, a comunidade cristã teria “interpretado” este grito com a ajuda do versículo inicial do Salmo 22” (ROSSÉ, 1986, p. 14).

A hipótese de Bultmann se concentra na afirmação



de que a narrativa da Paixão não quer ser a crônica literal dos fatos. Porém, segundo Gehard Rossé, a questão ainda permanece: “para a fé cristã, é ou não essencial que essa interpretação da comunidade possua um fundamento no real? É importante que o Jesus histórico tenha experimentado aquilo que exprime o Salmo 22” (1986, p. 14).

Aqui, mesmo *en passant*, nos lembramos da questão polissêmica acerca do Jesus histórico e o Cristo da fé, que ocupou o expediente teológico de grandes exegetas como Bultmann e Barth, entre outros. Nossa pretensão não se concentra na historicidade do texto bíblico e sua consonância estrita com a realidade, mas na performance narrativa, própria dos narradores que-rigmáticos (que anunciaram o Mistério da Morte e Ressurreição de Jesus) no primeiro século cristão. Nossa perspectiva é, declaradamente, narratológica. Estamos olhando e analisando o que o texto diz para nós leitores e nossa comunidade cristã, leitora do texto nos tempos de hoje, sem deixar de levar em consideração os efeitos encontrados nos leitores de Marcos e da Paixão de Jesus Cristo nos diversos contextos e períodos da história. Por isso, também fazemos alusão à leitura que Bultmann fez acerca do Salmo 22 no grito de Jesus. Ele questiona: Jesus teria apenas gritado com voz forte (no ato da morte) ou gritado o salmo, do qual era devoto e conhecedor?

Talvez, respondendo nossa inquietação, Gehard Rossé percebe que Bultmann “radicalizou o dogma protestante ‘sola fides’, de uma fé que não procura segurança histórica” (1986, p. 14). A posição de Bultmann, claramente, teve efeitos contrários e reações no campo protestante e católico. Neste sentido, nos-

sa questão pode ser respondida minimamente com a perspectiva de Joel Marcus que considera o texto marciano e o personagem Jesus impregnados da fé judaica expressa no Salmo em questão (2011, p. 1227).

Lembra Joel Marcus que o Salmo 22 conclui triunfalmente com a proclamação do reinado de Deus até os confins da Terra (Sl 22,27-27), não trazendo apenas a falta de confiança ou a questão da angústia humana de Jesus: “por que me abandonaste?” no v.2 (*ó theós mou, ó theós mou, eis ti enkatélipés me*). O exegeta nota que se buscamos o texto da LXX nos deparamos com o termo *hina ti*, que pode ser traduzido por “para que”, levando a questão para outro enfoque: “para que me abandonaste?”, fazendo da angústia de Jesus uma pergunta sobre a finalidade daquela hora.

De acordo com Joel Marcus há outra questão em torno do termo “me abandonaste” (*enkatélipés me*), que ocorre no códice Beza e nas testemunhas (papiros) ocidentais (c, y, k, syr, Porphyr), nas quais se encontra o termo *oneidisas*, que ele traduz por “ter injuriado”, no lugar de *ankatélipes*, traduzido por “ter abandonado”. Para Harnack, afirma J. Marcus, é considerável esta leitura original, pois a concordância do códice Beza com Porfirio e alguns manuscritos da *Vetus latina* atestam sua ampla circulação no século II, e é mais fácil explicar que algum escriba teria mudado *oneidisas* por *ankatélipes* por assimilação a Mt 27, 46 e ao Sl 22, 1 [21,2 LXX], que ao contrário, dá uma razão da mudança para *oneidisas*. O autor lembra que Ehrman “sugere que alguns escribas ortodoxos puderam ter mudado o texto porque era utilizado pelos gnósticos para apoiar a ideia de que o Cristo divino teria abandonado ao Jesus humano, precisamente no momento da cruz” (MARCUS,

2011, pp. 1216-1217).

Na opinião de T. R. Carmody,

O evangelista Marcos (15,34), seguido por Mateus, relata as palavras de Jesus na Cruz, repetindo as palavras iniciais do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Esta referência feita por Marcos e a citação direta do mesmo salmo por João ao mencionar que dividiram as roupas de Jesus informam ao leitor do evangelho que o Salmo 22 é uma chave de interpretação da paixão e morte de Jesus. Ele é o justo sofredor que confia em Deus, que será vingado por Deus e que proclamará o louvor de Deus no santuário (CARMODY, 2008, p. 148).

Para A. Thayse, no Sl 22, as palavras “Meu Deus, meu Deus...” correspondem a um clamor de abandono, podendo traduzir a realidade de Jesus como a de um ser humano abandonado durante uma noite de solidão, um servo sofredor (THAYSE, 1999, p. 217). A não resposta de Deus é ressentida por aquele que o invoca. A ausência do evocado é sentida. Há, neste sentido, um contexto de identidade profunda entre “a noite, a morte e o silêncio” (NEHER, 1970, p. 73). No caso de Jesus, mesmo em plena luz do dia, sua morte pode ser apontada como o maior distanciamento entre ele, o Filho, e seu Pai, Deus. O fato de se sentir “desconectado” com o Pai, mesmo que por poucos segundos, na expectativa da “reconexão”, a partir da experiência constituída como ressurreição, angustiava o coração de Jesus.

A iminente morte para o Filho Jesus poderia significar um hiato da relação e o pleno desamparo. Contudo, o Evangelho de Marcos antecipa a certeza da ressurreição em três passagens que formam os anúncios da Paixão, em Mc 8,31; 9, 31; 10, 33-34. Mesmo como

relatos pós-pascais, há a possibilidade de se ler o relato da transfiguração na montanha, Mc 9, 2-10, como um despertar prévio de Jesus para a vida de ressuscitado que lhe esperava após a morte na cruz.

Em Jesus, contudo, de modo fiducial, cumprem-se os desígnios de Deus. Ele tem como destino a cruz e, mesmo sendo humilhado, não ergue sua voz para replicar os insultos, pois confia em Deus. Contudo, tal lamentação, o Sl 22, pode ser considerada um último grito de agonia, tanto por parte de Deus como dos homens. Para os profetas (Isaías, Jeremias, Ezequiel), se o Homem sofre, Deus sofre também (por primeiro?), por causa de Seu abandono por parte do Homem.

Portanto, o Sl 22, na boca de Jesus, pode ser compreendido como uma prece, uma oração a Deus, a fim de que seu Reino advenha, de modo especial, para todos os que sofrem. É, portanto, à luz deste versículo que se pode compreender a confissão do centurião, que, vendo como Jesus morria, exclamou: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (15,39). No ato da morte, de extrema confiança do Filho, há o silêncio de Deus, que o acolhe como oferta agradável e plena. A morte de Jesus se traduz como um abandonar-se naquele Outro, que é a origem, o meio e o fim de todas as realidades.

A voz do centurião pode ser considerada, para o evangelho de Marcos, uma possível resposta de Deus na complementação do Sl 22. Deste modo, Deus não se ausenta totalmente na Paixão de seu Filho, mas contempla a profundidade de sua morte. De forma silenciosa, entremeadas as palavras humanas de um pagão, Deus se revela como quem acolhe o dom da vida de seu Filho.

Mas o que de fato seria o grito de Jesus na Cruz? Uma sensação de abandono? Certeza de sua finitude? Ou uma provável sensação de que ele, inseparável do pai, agora experimentará na morte um hiato, uma experiência de desligar-se daquele que é o sentido de sua vida? O fato de se desligar de Deus, pela morte, o angustia a tal modo de gritar na cruz, não necessariamente como desespero, mas como sentimento de abandono e desligamento do Pai, daquele que o enviou ao mundo. Talvez a frase póstica e mística do Teólogo Thomas Merton possa aqui nos ajudar a compreender tal desligamento: “A distância mais longa é aquela entre a cabeça e o coração”<sup>3</sup>.

Sobre o último grito de Jesus no Evangelho de Marcos (15,34), visitamos a tese de doutoramento de Roger Manzinga Akonga, intitulada *Le dernier cri de Jésus sur la croix (Mc 15,34): fonction pragmatique de la citation du Ps 22,2a dans le contexte communicatif de Mc 15,33-41*. Para este autor, a questão fundamental constitui-se na possibilidade de encontrar na narração marcana (Mc 15,33-41), em sua força comunicativa, respostas para a compreensão da existência humana diante da interrogação de Jesus. Na busca pela construção do personagem Jesus, o autor observa o sentido que o relato tem na vida do leitor, por se tratar objetivamente de uma leitura pragmática, que visa perceber os efeitos do texto na vida do fiel que o lê e medita.

Jesus leva a vontade de Deus às últimas consequências, entregando-se pacificamente à morte na cruz, fazendo-se obediente a Deus e solidário a toda humanidade que também sofre com o desamparo e a

---

3 MERTON, Thomas. Disponível em: <https://sitedepoesias.com/poesias/112880-sistema-trappist-1/amp/>, acesso em 13 de abril de 2022.

finitude humana.

O teólogo da esperança, Jurgen Moltmann, ao se perguntar por que Deus tomou sobre si o sofrimento de Cristo em seu próprio ser, responde que

[...] é para estar presente junto a nós em nosso sofrimento e desamparo. E, ao contemplar a entrega de Cristo na paixão, ele destaca uma cristologia da solidariedade, na qual sua cruz é sinal de que Deus participa de nossos sofrimentos, pois, “se Deus toma este caminho com Cristo, e Deus está onde está Cristo, então Cristo traz a companhia de Deus às pessoas que estão desprovidas e despojadas de sua identidade’ (CORREIA AGUIAR, apud Moltmann, 2019, p. 98).

Há, desta maneira, no cenário da Paixão de Jesus em Marcos, uma dupla cristologia da solidariedade. A primeira, a partir de Deus mesmo que se faz próximo do desamparo humano e, acolhendo a vida de seu Filho, como oferta agradável, diz concretamente que acolhe também toda finitude humana, ressuscitando-a da morte.

A segunda, se circunscreve às atitudes que são narradas no cenário do relato da Paixão (Mc 14,1-16,8), seja quando Jesus é ungido antes de sua morte por uma mulher, que fez para ele uma boa obra, antecipando ungi-lo para a morte (Mc 14,3-9), seja também no momento em que José de Arimateia pede a Pilatos o corpo de Jesus a fim de lhe dar uma sepultura (Mc 15, 43-47). Esta dupla cristologia solidária se entrecruza, pois Deus age silenciosamente na vida de Jesus ressuscitando-o da morte, confirmando sua vida e que esta não está abandonada, embora viva, como todo ser humano finito, a experiência do desamparo, condição antropológica que nos faz iguais ao Filho de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus, vivendo a condição do desamparo humano, tem medo da crucificação e sua recomendação aos discípulos no Getsêmani sugere que ele conhece a finitude de sua própria carne frente à iminente morte (Mc 14,32-33). O narrador marcano mostra o Jesus angustiado, assustado e “triste até a morte” (Mc 14,34), mas Jesus também se reconhece submetido à vontade de Deus, no desejo de uma fidelidade filial (Mc 14,36). No ato de sua morte Jesus lança um forte grito e expira, entrega seu espírito (do grego *exepneusen* – Mc 15,37), completando sua vida terrena, inaugurando a outra vida chamada ressurreição (Mc 16,6 do grego *egérte*).

Compreendemos que o protagonista de Marcos enfrenta a morte solitariamente: o último grito de Jesus confirma seu sentimento de abandono por parte de Deus. Na crucificação, Jesus se revela resiliente e segue, até o último suspiro, realizando a vontade de Deus, que o acolhe em sua morte. Ele morre só e José de Arimateia o sepulta. Com isso, nota-se que a execução foi consequência trágica da fidelidade de Jesus à soberania de Deus, ao reinado de Deus e sua vontade.

O véu do templo se rasga em dois (v. 38). De cima a baixo simboliza sua plena desconfiguração e sentido: o seu próprio fim, ou melhor, fim de seu sentido, revelando que não há mais nada que separa Deus e a humanidade (acolhida plenamente no Filho). Jesus reúne novamente o que a queda adâmica (o pecado dos pais primordiais) separou (Gn 3,23). O templo deixa de significar lugar da relação com Deus, e Jesus, em seu modo de morrer, entregando-se plenamente nas mãos de Deus, agora assume esta relação em si. É, sobremaneira, na morte e ressurreição de Jesus que se estabele-



ce o novo lugar de encontro com a divindade: “Verdadeiramente este homem era filho de Deus”.

O grito de Jesus, que revela a condição de todo ser mortal, é acolhido pelo silêncio de Deus, um eco a ressoar na eternidade (na temporalidade) do próprio Deus, o Deus que sempre viu e escutou os clamores de seu povo, Israel, e desceu para salvá-lo (Ex 3,7-8). Assim, se Deus tratou a Israel com tamanho amor, sendo este um Povo atravessado pela experiência da infidelidade e idolatrias, como não tratará seu Filho amado, o ser humano pleno em fidelidade (Jo 4,34) e incapaz de voltar seu coração para outro deus?



## REFERÊNCIAS

ALETTI, Jean-Noël. La construction du personnage Jésus dans les récits évangéliques: le cas de Marc. In: FOCANT, Camille; WÉNIN, André. (eds) *Analyse narrative et bible: deuxième colloque international du RRENAB*, Louvain-la-Neuve, avril 2004. *Bibliotheca Ephemeridum Theologiarum Lovaniensium*. Leuven: Leuven University Press, 2005.

ANDRÉ, Jacques. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/47hM33PQ6LX6GnDF5qkj-Yn/?lang=pt>, acesso em 29 de março de 2022.

AKONGA, Roger Manzinga. *Le dernier cri de Jésus sur la croix (Mc 15,34). Fonction pragmatique de la citation du Ps 22,2 a dans le contexte communicatif de Mc 15,33-41*. Roma: Pontificia Università Gregoriana; Biblical Press, 2012.

BROADHEAD, Edwin K. *Prophet, Son, Messiah: narrative form and function in Mark 14-16*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994.

BROWN, Raymond. E. *A morte do Messias. Comentário das narrativas da Paixão nos Quatro Evangelhos. v. 2*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CASTILHO PEREIRA, Willian César. *Os sete pecados capitais à luz da Psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CARMODY, Timothy R. *Como ler a bíblia: guia para estudo*. São Paulo: Loyola, 2008.

CORREIA AGUIAR, Eugênio Paccelli. *Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano. Uma leitura de O Deus crucificado de Jürgen Moltmann*. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

NEHER, André. *L'exil de la parole. Du silence biblique au silence d'Auschwitz*. Paris: Seuil, 1970.

ROSSÉ, Gehard. *O grito de Jesus na cruz: um enfoque teológico e exegético*. São Paulo: Cidade Nova, 1986.

THAISE, André. *Marc, l'évangile revisité*. Bruxelles: Racine, 1999.

## Junior Vasconcelos do Amaral



**P**ossui graduação e Licenciatura Plena em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (2002), graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte (2006), Mestrado em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2009) e doutorado sanduíche (ano de 2014 na Université Catholique de Louvain) em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia- FAJE (2016), onde defendeu a tese sobre “Análise Narrativa da Paixão de Jesus no Evangelho de Marcos”. Atualmente é Professor do quadro permanente (adjunto 1) na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Tem experiência na área de Teologia Bíblica, lecionando principalmente os seguintes temas: Evangelhos de Marcos e Mateus, Iniciação Bíblica, Cartas Paulinas e Apocalipse de João. Participa do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, onde realiza estudos de Introdução à Psicanálise. Assessora grupos de Leitura Bíblica Popular e Pastoral em paróquias da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Assessorou também encontros Bíblicos, Formação Teológica para Leigos e Leigas. Pesquisa também temas de Formação Bíblica e Anúncio da Palavra. Participa do Grupo de Pesquisa Bíblia em Literatura Cristã,



vinculado ao CNPQ e do Grupo de Pesquisa em Bíblia (Pragmalinguística) ligado à PUC Minas. Tem projetos de Pesquisa na área de Bíblia e Psicanálise e Leitura popular e pastoral da Bíblia e Estudos de Narratologia Bíblica.

## EVENTOS COM JUNIOR VASCONCELOS DO AMARAL NO IHU

[O grito de abandono de Jesus na Cruz e o silêncio de Deus. Reflexões à Luz do Evangelho de Marcos](#)



## CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões - Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel



- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi



- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred
- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé



- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo



- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vitor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunida-





- des como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior



- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiológia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão *Intellige Ut Credas* – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pú-



blica - Luis Carlos Dalla Rosa

N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro

N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa

N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães

N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini

N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri

N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman

N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo

N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo

N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler

N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva

N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie

 UNISINOS